QUESTÕES COM AS QUAIS UM TRADUTOR DO TEXTO BÍBLICO SE DEFRONTA

João Paulo Gomes Galindo[1]

Resumo

Este trabalho tem como pretensão elencar as questões com as quais o tradutor se depara em seu ofício. Traduzir não é só pegar certa palavra em uma língua e transpô-la para a língua de destino, mas, junto desta palavra, há sentidos e referências de determinada cultura, que são interpretados pela subjetividade do tradutor. A hermenêutica, como campo de conhecimento que investiga os meandros da interpretação, vai ser utilizada na tradução da Bíblia. O conhecimento do autor e sua visão de mundo, como também sua desenvoltura no campo linguístico, vão enriquecer a busca do sentido do texto, tanto para si como também para o leitor, ajudando-o a enriquecer sua capacidade de absorver o texto em sua história. A Bíblia é um livro comunitário, sua tradução e interpretação devem ser norteadas por esta comunidade. O tradutor tem que qualificar-se em conhecimentos gerais, culturais, exegéticos e teológicos, para a realização da tradução.

Palavras-chave: Tradução e Tradutor. Hermenêutica Bíblica. Interpretação.

Introdução

Percebe-se, atualmente, um crescente número de obras escritas nas mais variadas áreas e, logo surge a necessidade de traduzi-las para outras línguas de diversas culturas. Assim, a obra ganha em valor em meio a tantas outras. No entanto, não é comum que se faça uma reflexão sobre como e quais processos são considerados no momento de tradução. Por exemplo, o leitor que lê o drama clássico “Romeu e Julieta” em sua própria língua não questiona sobre sua tradução, não pergunta sobre as escolhas de palavras feitas pelo tradutor para dar sentido ao texto em outra língua.

A tradução de textos sagrados sempre levanta questões e com a Bíblia não é diferente. Além de seu caráter de texto sagrado, a Bíblia é conhecida por quase todas as culturas. Sua tradução toca em várias áreas do conhecimento: a linguística, a arqueologia, a antropologia, e outras. Pode-se imaginar os problemas de tradução de um texto com essas características. De fato, a história da tradução da Bíblia se confunde com a própria história da tradução.

[1] Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), na linha de pesquisa: Práxis Pastoral e Experiência Religiosa. Graduado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) em 2014. Graduado em Filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia (INSAF) em 2009. E-mail: joaopaulogalindo@hotmail.com

Elencaremos as principais questões com as quais um tradutor do texto bíblico se defronta, mostrando como as questões gerais de tradução também se apresentam em relação à tradução do texto bíblico. Investigando as principais questões relacionadas com a tradução de um texto antigo, tal qual é o texto bíblico.

O que é traduzir?

A tradução é tanto o processo como o resultado do processo da transferência textual e cultural de uma para outra língua e cultura. Campos (1986, p. 7) afirma que, segundo os dicionários, "tradução é o 'ato ou efeito de traduzir e traduzir vem do verbo latino traducere, que significa conduzir ou fazer passar de um lado para outro" e define, então, que "traduzir nada mais é que isto: fazer passar de uma língua para outra, um texto escrito na primeira delas. Quando o texto é oral, falado, há 'interpretação', e quem a realiza então é um intérprete". De acordo com sua visão, o papel do tradutor é levar o leitor de uma língua para o lado do autor estrangeiro ou o inverso, isto é, trazer o autor estrangeiro para o lado do leitor. Para tal exercício, porém, é necessário o conhecimento de técnicas de tradução.

O ato de traduzir não é somente tomar certa palavra em uma língua e transpô-la para outra, pois, junto dessa palavra, há sentidos e referências de determinada cultura, que são interpretados pela subjetividade do tradutor. Desse modo, uma tradução já é uma interpretação dada pelo tradutor ao texto, pois a tradução não pode ter a pretensão de ser idêntica ao texto que está sendo traduzido, mas distingue-se dele e o enriquece no ato de tradução.

Antes da questão do enriquecimento do texto no ato de tradução, cabe refletir sobre a "hermenêutica", termo que tem sua origem no deus Hermes, da mitologia grega, filho de Zeus e Maia. Em um primeiro momento, ele é o patrono das estradas; ele informa aos andarilhos o caminho a seguir. Em outro momento, ele é o mensageiro dos deuses do Olimpo para os seres humanos, com a missão de esclarecer os desejos dos deuses aos homens. Como mensageiro dos deuses, ele corria do céu à terra e voltava trazendo notícias, ajudando a negociar contratos, promovendo casos amorosos e fazendo truques e brincadeiras só pelo prazer de brincar (HALLAM, 2002, p.159).

A hermenêutica como tal se ocupa da interpretação, tentando estabelecer princípios da interpretação linguística. Este termo insiste na interpretação, ou seja, na tarefa de tornar compreensível a mensagem. (KONINGS, 2003, p.225). A teoria

da tradução se insere nesse vasto campo da interpretação. Dada a relevância da interpretação no ato de traduzir, a hermenêutica, como campo de conhecimento que investiga os meandros da interpretação, vai ser utilizada na tradução da bíblia, que já é uma interpretação de uma comunidade de fé.

Estratégias de tradução

O tradutor deve conhecer bem tanto a língua do texto original como a língua para a qual deseja traduzir. O ideal é que ele traduza para sua própria língua materna, uma vez que suas habilidades nessa língua serão sempre superiores a suas habilidades em uma língua por ele aprendida posteriormente. De fato, a língua que vem do berço também é aprendida, e é com ela que se aprendem outros aprendizados da vida.

Segundo Campos (1986, p. 31), a existência de textos relativamente difíceis de traduzir, vai indicar, "uma primeira divisão da tradução em dois tipos: a tradução 'integral', na qual se traduzem todos os itens, todas as palavras e expressões do original, e a tradução 'parcial', na qual deixam de ser traduzidas algumas partes do texto de origem", por interesse do tradutor ou até do editor. Além disso, uma tradução pode ser direta ou indireta:

> A **Tradução direta** pode utilizar a técnica chamada tradução literal, que é a substituição de um vocábulo da língua de partida por um sinônimo correspondente na língua de chegada. Há também o calque e os empréstimos. A **Tradução Indireta** ou oblíqua que, como o nome indica, não faz a tradução por simples substituição palavra por palavra entre as línguas de partida e a de chegada pode utilizar os seguintes procedimentos: transposição e modulação (mudança de um ponto de vista semântico - há modulações obrigatórias e há modulações opcionais) (RIBEIRO, 2009, p.30-31)

Nestas formas, direta ou indireta, a tradução representa para o leitor os símbolos que perpassam o texto original, pois é sua função manifestar o texto do qual parte, sem alterá-lo ou substituí-lo. A relação entre o tradutor e o texto a ser traduzido, e entre o leitor e o texto já traduzido fundamenta a identidade do texto antes e depois de sua tradução. Para que essa identidade se firme, o tradutor precisa de vivência e conhecimento cultural e linguístico para realizar uma tradução.

A equivalência

É justamente a noção de equivalência nos dados textuais que vai determinar uma possível definição do que seja tradução. "Tradução é a substituição de material

textual de uma língua por material textual equivalente em outra" (CAMPOS, 1986, p.11). É nessa equivalência de palavras e sentidos que o texto se enriquece com os dados culturais e de sentidos do tradutor.

A língua em que um texto a traduzir é originalmente escrito chama-se de língua fonte ou língua de partida. A língua para a qual se faz passar um texto originalmente escrito em outra língua chama-se língua meta ou língua de chegada (CAMPOS, 1986, p. 8).

Quando há uma conformidade, em nível linguístico, entre os textos da língua fonte e da língua meta, ocorre assim a chamada equivalência linguística, que pode ser observada na tradução palavra por palavra. Mas, neste processo, "a tradução é muito mais do que a substituição de elementos lexicais e gramaticais entre línguas" (BASSNETT, 1991, p. 54). Assim, há vários outros tipos de equivalências que se vão ajustando pela escolha do tradutor no ato de tradução.

Assim, a boa tradução não pode ser uma traição, pois as transformações pelas quais o texto fonte passa, são alterações que não modificam seu núcleo de sentido, mas somente influenciam as formas de expressão desse sentido. Como exemplo, pode ser citado o caso dos provérbios, sempre bem enraizados no ambiente cultural em que surgiram.

> O que em português é citado como um tempo de 'vacas gordas', em espanhol refere-se a peixes, peces gordos, e em inglês a gatos, fat cat. Outro exemplo: o dia de maior azar, que na cultura luso-brasileira é a 'sexta-feira 13', nos países de língua espanhola é a terça-feira, martes trece. (CAMPOS, 1986, p.42).

É nessa equivalência textual que o tradutor vai tentar ser fiel no sentido de que o texto traduzido traga ao seu leitor, em sua cultura, o sentido idêntico do texto original. E nisto, o leitor não só vai decodificar o que o autor e o tradutor queriam dizer com o texto fonte e o texto meta, como também ele mesmo constrói dos significantes o significado em sua vida.

Linguagem

O processo de tradução permeia o pensamento humano, que se dá de modo secreto ao mundo, revelado apenas mediante a comunicação social, aumentando o potencial linguístico do sujeito que se comunica. Toda pessoa que se depara com o mundo quer traduzi-lo. Uma criança que vê um objeto e pergunta para a mãe "o que é?" indica que a língua, por si só, já é uma tradução. A tradução, portanto, pode ser

vista como um enriquecimento da língua e, em consequência, como um enriquecimento também da própria tradução.

A visão de mundo das pessoas é devedora da linguagem. Tudo o que fazem e pensam está em estruturas de linguagem. Por exemplo, o modo que um nordestino espera as chuvas caírem do céu é diferente do modo como alguém que mora em outras regiões espera as chuvas. A linguagem, porém, não é um sistema fechado, mas, antes de qualquer outra coisa, é um fenômeno social, histórico e dinâmico, que acontece no âmbito das relações humanas. Por sua vez, a linguagem, também ela, se renova nestas relações.

> Cada língua funciona como código. O conjunto dos signos de uma língua constitui o seu léxico, o seu vocabulário. O conjunto de regras que regem as combinações dos signos de uma língua constitui sua sintaxe; os modos pelos quais podem criar-se novos signos de uma língua constitui a sua morfologia. A sintaxe e a morfologia de uma língua compõem a sua gramática. (CAMPOS, 1986, p.8)

Muitas vezes, os limites da linguagem do outro e o desconhecimento constroem um desejo humano de descobrir o mundo do outro. Esse desejo influenciou no ofício de tradução: a curiosidade de saber o que outros povos e culturas pensam sobre determinada realidade. Muitas vezes, o lado obscuro de determinada cultura se revela através da literatura, por isso, é necessário ter um olhar para a literatura como um sistema dinâmico e complexo.

Tradução da Bíblia

A Bíblia inspira o cristão a tornar-se um protagonista no mundo, agindo para a transformação de estruturas injustas de poder em estruturas de democratização do poder. Ela o convida a rever constantemente seu modo de pensar e a agir na defesa da liberdade humana frente à opressão. Muitos grupos de cristãos buscam, na leitura da Bíblia, a fundamentação de sua prática em favor da dignidade humana e na promoção da vida. A Bíblia é repleta de manifestações de combate às injustiças, opressão, tirania, desigualdades.

Na composição da Bíblia, há uma estreita relação entre a linguagem falada e a linguagem escrita. No século V a.C., quando o povo de Israel não falava mais o hebraico, sentiu-se a necessidade de traduzir a Bíblia para a língua falada: o aramaico, usado nas sinagogas, e o grego, entre os judeus da diáspora.

Por ser um livro comunitário, tanto por redação como interpretação, sua tradução deve ser norteada por uma comunidade que a traduza. O texto contém significados que envolvem as pessoas, pois lhes fala ao profundo da alma, além de orientar sua prática social. Desse modo, todos conservam o texto e passam essa tradição para as gerações posteriores, que o sacralizam em suas vidas.

> As Escrituras Sagradas com toda sua sacralidade, autoridade, riqueza, beleza, mistério e inúmeras outras dimensões têm como objetivo afetar o comportamento humano, orientando, alertando, instigando, ironizando, clamando para persuadir e comprometer o ser humano "a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Tm 3,17) (RIBEIRO, 2009, p. 19).

Este caráter de vivência prática da palavra pode gerar, nas instituições, um receio em incentivar a prática da tradução. Para se publicar uma tradução da Bíblia, hoje, é preciso um investimento alto, pois deve-se formar uma equipe de tradutores com um vasto conhecimento linguístico, histórico e crítico da Escritura.

Traduzir a Bíblia é uma arte. Assim como um pintor utiliza várias técnicas para pintar sua tela, o tradutor também deve ter suas técnicas para traduzir. Ele deve aprender com o exercício da tradução e ainda deve ser um exegeta, compreender o que a Bíblia afirma, tanto ao nível do autor quanto da comunidade, que acolhe este texto como sagrado (KONINGS, 2003, p. 225).

Para perceber o trabalho e caminho do tradutor, pode-se ver o testemunho do Padre Huberto Rohden, que, em 1930, publicou sua tradução do Novo Testamento. Numa época de poucas publicações católicas, ele vai traçar um caminho sobre a sua tradução. Não preferiu tomar por base a versão da vulgata, mas tem como texto fonte o texto original grego. Para ele, uma tradução para ser boa deve realizar dois objetivos, a saber: 1- Atingir o pensamento exato e integral do autor, 2- reproduzir esse pensamento em linguagem correta e atual. Ainda nos diz que, para atingir o pensamento exato e integral do autor, é preciso um conhecimento profundo, não somente do idioma que ele escreveu, mas também das circunstâncias históricas, culturais, geográficas, políticas nas quais escreveu e ainda ter uma noção peculiar do autor, e uma ideia nítida dos usos e costumes de seus contemporâneos, e, sobretudo, dos destinatários do documento em apreço (ROHDEN, 1938, p.6).

De acordo com Rohden, para produzir uma tradução correta e atual, não basta que o tradutor traduza ao pé da letra, palavra por palavra, frase por frase. Destarte se reproduziria, talvez, o **corpo** do texto, mas não a sua **alma**. Assim, em

algumas situações, para traduzir o texto, vai-se fazer necessário abrir mão da parte do corpo, pois, no original, o sentido exato era todo espiritual (ROHDEN, 1938, p.7).

Diante de uma tradução do texto sagrado, é melhor afastar-se dos dilemas fidelidade versus traição, boa tradução versus má tradução, pois não existe um critério absoluto do que seria uma boa tradução. Mas para apaziguar esses dilemas, seria preciso afirmar que não existe uma tradução perfeita e assumir as diferenças entre as diversas traduções a partir das quais o texto se enriquece, tanto pela tradução como pela leitura. O tradutor é um mediador do corpo e alma do texto para os leitores. O leitor tira o sentido do texto, assume-o em sua vida prática e canoniza o texto em sua comunidade de fé.

O tradutor não pode conduzir seus trabalhos apenas com técnicas de linguagem, ele tem que organizar sua tradução com um aparato de uma mínima organização teológica sistemática, um conhecimento entre as disciplinas teológicas, além de compreender a tradução como um processo de interpretação em que ele deve levar o corpo e a alma do texto ao leitor e a si mesmo, tem que interpretar para dizer novamente o texto. A missão do processo de interpretação é ir além do que foi dito, está visando ao sentido do que o que está dito dentro do que esta interpretação vai dizer ao contexto contemporâneo do leitor, ou seja, criar uma perspectiva de uma nova reelaboração do texto.

Considerações finais

Este texto tentou ver, nos processos de tradução, o papel do tradutor, principalmente os que traduzem a Bíblia, que é composta de uma linguagem humana e divina.

Assim, o presente artigo cumpriu seu objetivo de analisar traços dos princípios que regem o trabalho do tradutor. Seu esforço e estilo em escolher certas técnicas para realização de tal trabalho. Ele é alguém que ocupa uma posição única no espaço geográfico, social e temporal e que dirige a um terceiro, o leitor, um discurso contidos no texto original, que pertence a outro autor, da forma que lhe parece mais adequada.

Por fim, cabe dizer que o conceito de tradução da Bíblia, pode trazer soluções para alguns dos entraves encontrados pelos estudos tradutórios, pois permite desconstruir certas noções de que a tradução não pode ter relação com outras disciplinas. Assim o significativo papel teológico e pastoral que influencia e dá

suporte na tradução da Bíblia, que enriquece sua tradução. A ação de traduzir já potencializa o texto original, além de enriquecer seu movimento de contínua tradução nas vidas dos envolvidos na comunidade de fé, como mostra a importância do texto meta.

Esse estudo pode abrir caminho para outros, que analisem a tradução de textos que são mantidos pela tradição como sagrados, ou até de gêneros diferentes, literários ou não, visando a dar conta da complexidade da tradução. Nessa perspectiva, seriam muito frutíferas pesquisas sobre os processos teológicos ou até literários que passam em textos traduzidos, sobre a circulação dessa tradução na comunidade de fé, sobre o papel da tradução nas instituições religiosas.

Referências

BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução:** fundamentos de uma disciplina. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KONINGS, Johan. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil, **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 35, n. 96, p. 215-238, 2003.

HALLAM, Elizabeth. **O livro de ouro dos deuses e deusas**, trad. Vânia de Castro. São Paulo: Ediouro, 2002.

RIBEIRO, Súsie Helena. **TRADUÇÕES POPULARES - OS NOVOS TARGUMIM?** 2009. 368 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teologia, Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/051212-dv09llxpLnEA6.pdf>. Acesso em: 05 março 2018.

ROHDEN, P. Huberto. **Novo Testamento:** evangelhos - Atos dos Apóstolos - Epístolas - Apocalipse. 2. ed. Rio: Cruzada da Boa Imprensa, 1938. 681 p.